

# Igreja

Volume 1

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Küng, Hans, 1928-2021

Igreja : vol. 1 / Hans Küng ; tradução de Hermann Emanuel Von Imhoff. - São Paulo : Paulus, 2025.  
(Coleção Grandes teólogos dos séculos XX e XXI)

ISBN 978-85-349-5961-2

Título original: Kirche

1. Igreja católica 2. Eclesiologia I. Título II. Imhoff, Hermann Emanuel Von III. Série

25-5270

CDD 282.08

Índice para catálogo sistemático:

1. Liturgia - Igreja Católica

**Coleção GRANDES TEÓLOGOS DOS SÉCULOS XX E XXI**

---

- *O Deus de Jesus Cristo*, Walter Kasper
- *Evangelho e dogma: fundamentos da dogmática – volume 1*, Walter Kasper
- *Evangelho e dogma: fundamentos da dogmática – volume 2*, Walter Kasper
- *Igreja – volume I*, Hans Küng
- *Igreja – volume II*, Hans Küng
- *Jesus, o Cristo*, Walter Kasper
- *A Igreja Católica*, Walter Kasper
- *As Igrejas particulares na Igreja universal: a maternidade da Igreja*, Henri de Lubac
- *Por uma Igreja mais humana*, Edward Schillebeeckx
- *Paradoxo e mistério da Igreja*, Henri de Lubac
- *No coração da liturgia cristã*, Yves Congar
- *A Escritura na Tradição*, Henri de Lubac
- *A humanidade e a encarnação de Deus: estudos sobre os fundamentos da dogmática, da cristologia, da antropologia teológica e da escatologia*, Karl Rahner
- *Renovação da Igreja: estudos sobre a teologia pastoral e a estrutura da Igreja*, Karl Rahner
- *Catolicismo: os aspectos sociais do dogma*, Henri de Lubac

# HANS KÜNG



## Igreja

Volume 1

TRADUÇÃO:  
HERMANN EMANUEL VON IMHOFF

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Kirche*

© Verlag Herder GmbH, Freiburg im Breisgau 2015

Alle Rechte vorbehalten

[www.herder.de](http://www.herder.de)

**Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

**Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

**Revisão**

Tiago José Risi Leme, Tarsila Doná,  
André Odashima

**Design**

Julia Ahmed

**Impressão e acabamento**

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo **PAULUS**  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Tele vendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

**© PAULUS – 2026**

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091  
São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)  
ISBN 978-85-349-5961-2

# ÍNDICE

## VOLUME 1

|                                                                        |           |
|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO   IGREJA COMO PIRÂMIDE OU COMUNIDADE?</b>                | <b>11</b> |
| <b>PARTE 1   APROXIMAÇÕES INICIAIS</b>                                 | <b>13</b> |
| <b>CAPÍTULO PRIMEIRO   A MONARQUIA DE CRISTO SIGNIFICA DEMOCRACIA</b>  | <b>15</b> |
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                      | <b>15</b> |
| O ORIGINAL                                                             | 15        |
| CONTEXTO BIOGRÁFICO                                                    | 15        |
| <b>SERMÃO</b>                                                          | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO SEGUNDO   VÓS SOIS UM SACERDÓCIO REAL, UMA NAÇÃO SANTA</b> | <b>19</b> |
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                      | <b>19</b> |
| O ORIGINAL                                                             | 19        |
| CONTEXTO BIOGRÁFICO                                                    | 19        |
| <b>I. O LEIGO NA IGREJA</b>                                            | <b>20</b> |
| SUÍÇA CATÓLICA?                                                        | 20        |
| O LEIGO – APÊNDICE DA IGREJA?                                          | 22        |
| IGREJA – BEM COMPREENDIDA                                              | 24        |
| TAREFA DO CLERO E TAREFA DOS LEIGOS                                    | 26        |
| <b>II. O LEIGO NO MUNDO</b>                                            | <b>30</b> |
| RECUPERAÇÃO DO MUNDO                                                   | 30        |
| A MISSÃO SACERDOTAL DO LEIGO                                           | 33        |
| A MISSÃO REAL DO LEIGO                                                 | 37        |
| A MISSÃO PROFÉTICA DO LEIGO                                            | 43        |
| E AGORA?                                                               | 48        |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>                                                    | <b>50</b> |
| <b>PARTE 2   NO ESPÍRITO DO CONCÍLIO</b>                               | <b>51</b> |
| <b>CAPÍTULO PRIMEIRO   TEÓLOGO E IGREJA</b>                            | <b>53</b> |
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                      | <b>53</b> |
| O ORIGINAL E SUAS TRADUÇÕES                                            | 53        |
| CONTEXTO BIOGRÁFICO                                                    | 53        |

|                                                          |         |
|----------------------------------------------------------|---------|
| QUEM É REPRESENTATIVO PARA A IGREJA?                     | 54      |
| ORIENTAÇÃO PASTORAL – CARÁTER CIENTÍFICO                 | 55      |
| VÍNCULO ECLESIAÍSTICO – PERSPECTIVA CRÍTICA              | 61      |
| DIVERSIDADE NA LIBERDADE                                 | 69      |
| <i>OUTSIDERS</i> OU VANGUARDA?                           | 74      |
| TEOLOGIA E EVANGELHO                                     | 78      |
| <br>CAPÍTULO SEGUNDO   IGREJA EM LIBERDADE               | <br>81  |
| INTRODUÇÃO                                               | 81      |
| O ORIGINAL E SUAS TRADUÇÕES                              | 81      |
| CONTEXTO BIOGRÁFICO                                      | 81      |
| LIBERDADE AMEAÇADA                                       | 82      |
| IGREJA – ESPAÇO DE LIBERDADE                             | 85      |
| LIBERDADE COMO TAREFA                                    | 90      |
| MANIFESTAÇÕES DA LIBERDADE                               | 94      |
| <br>PARTE 3   OBRA PRINCIPAL: <i>A IGREJA</i>            | <br>101 |
| A IGREJA                                                 | 103     |
| INTRODUÇÃO                                               | 103     |
| O ORIGINAL E SUAS TRADUÇÕES                              | 103     |
| CONTEXTO BIOGRÁFICO                                      | 103     |
| PREFÁCIO                                                 | 106     |
| PARA A SEGUNDA EDIÇÃO                                    | 107     |
| <br>CAPÍTULO PRIMEIRO   IGREJA REAL                      | <br>109 |
| I. A HISTORICIDADE DA IMAGEM DA IGREJA                   | 109     |
| 1. ESSÊNCIA EM FORMA HISTÓRICA                           | 109     |
| 2. A ALTERAÇÃO DA IMAGEM DA IGREJA NA HISTÓRIA DA IGREJA | 112     |
| 3. A ALTERAÇÃO DA IMAGEM DA IGREJA NO NOVO TESTAMENTO    | 120     |
| II. A FRATURA DA IMAGEM DA IGREJA                        | 129     |
| 1. IGREJA ADMIRADA E CRITICADA: ESSÊNCIA NA NÃO ESSÊNCIA | 129     |
| 2. CRENÇA NA IGREJA                                      | 135     |
| 3. INVISÍVEL NO VISÍVEL                                  | 139     |
| <br>CAPÍTULO SEGUNDO   SOB O REINO VINDOURO DE DEUS      | <br>145 |
| I. A PREGAÇÃO DE JESUS                                   | 145     |
| 1. A IGREJA SE BASEIA NO EVANGELHO DE JESUS?             | 145     |
| 2. O EVANGELHO DO REINO DE DEUS                          | 149     |
| II. FUNDANDO UMA IGREJA?                                 | 157     |
| 1. A PROXIMIDADE DO REINO DE DEUS EM JESUS               | 157     |
| 2. ENTRE JÁ E AINDA NÃO                                  | 162     |
| 3. JESUS E O INÍCIO DA IGREJA                            | 173     |
| III. A COMUNIDADE ESCATOLÓGICA DE SALVAÇÃO DO MUNDO      | 183     |
| 1. A <i>EKKLESIA</i> COMO ASSEMBLEIA, COMUNIDADE, IGREJA | 183     |

|                                                         |            |
|---------------------------------------------------------|------------|
| 2. DIFERENÇA E RELAÇÃO ENTRE IGREJA E REINO DE DEUS     | 191        |
| 3. A SERVIÇO DO REINO DE DEUS                           | 200        |
| <br>                                                    |            |
| <b>CAPÍTULO TERCEIRO   A ESTRUTURA BÁSICA DA IGREJA</b> | <b>209</b> |
| <b>I. IGREJA COMO POVO DE DEUS</b>                      | <b>209</b> |
| 1. SEPARADA DO JUDAÍSMO?                                | 209        |
| 2. DO VELHO AO NOVO POVO DE DEUS                        | 216        |
| 3. IGREJA – POVO DE DEUS HOJE                           | 227        |
| 4. A IGREJA E OS JUDEUS                                 | 235        |
| <b>II. IGREJA COMO CRIATURA DO ESPÍRITO</b>             | <b>254</b> |
| 1. A NOVA LIBERDADE                                     | 254        |
| 2. A IGREJA DO ESPÍRITO                                 | 266        |
| 3. A ESTRUTURA CARISMÁTICA PERMANENTE                   | 284        |
| 4. A IGREJA E OS ENTUSIASTAS                            | 297        |
| <b>III. A IGREJA COMO CORPO DE CRISTO</b>               | <b>310</b> |
| 1. INCORPORADO PELO BATISMO                             | 310        |
| 2. A COMUNHÃO NA CEIA DO SENHOR                         | 318        |
| 3. IGREJA LOCAL E IGREJA UNIVERSAL COMO CORPO DE CRISTO | 331        |
| 4. A IGREJA E OS HEREGES                                | 347        |



# VOLUME 1



## INTRODUÇÃO

# IGREJA COMO PIRÂMIDE OU COMUNIDADE?

A palavra “igreja” se tornou uma palavra popular com uma conotação muito positiva em meados do século XX, sob a influência do Concílio Vaticano II. Isso não é mais o caso hoje. Um livro intitulado *A Igreja* dificilmente se tornaria um *best-seller* no século XXI. Muitas associações negativas estão ligadas à palavra e à coisa em si. A Igreja é geralmente percebida como uma instituição rígida e hierárquica, que ficou para trás no tempo e perdeu amplamente a geração jovem. Frequentemente ouve-se a afirmação de que a Igreja Católica é assim: hierárquica, centralista, absolutista. Sempre foi assim e sempre deverá permanecer assim. Nós, reformadores, não deveríamos esperar que o papa deixasse de ser papa. Sim, quem critica o absolutismo papal está questionando o próprio papado. Mas, com o devido respeito: à luz da história, tudo isso é puro absurdo!

Que tipo de mudança houve após o Concílio Vaticano II? Fundamentalmente, trata-se da substituição do modelo eclesial (paradigma) dominante desde a Idade Média. E isso é, obviamente, uma questão de poder da maior importância. A Igreja Católica, até o Concílio, causava em muitos uma impressão absolutista, para alguns até totalitária; de fato, ela também era. Apenas resultado de sua organização externa rigorosa e, para muitos, inquietantemente eficaz? Não, também resultado de um sistema eclesial hierarquizado e piramidal, preservado através da Reforma e da Modernidade, como o conheço desde minha juventude! Da ampla base do povo sobe a “verdadeira” Igreja: sacerdotes e religiosos, depois bispos e arcebispos e cardeais; no topo, o papa.

O que poucos sabem: esse modelo eclesiástico hierárquico não é, de fato, o original. Foi – naturalmente preparado em Roma já no primeiro milênio – implementado no século XI pelo papa Gregório VII (Hildebrando) e pelos homens da “reforma gregoriana”, por todos os meios de excomunhão, interdição e inquisição (principalmente contra imperadores e teólogos alemães, contra o episcopado e o clero). E isso mediante o uso de falsificações massivas, que apresentavam as inovações romanas do segundo milênio como tradições católicas do primeiro milênio. Abordo essa questão das falsificações em *O cristianismo: essência e história*<sup>1</sup> (1994) de forma abrangente.

Aqui, segundo o trabalho de historiadores da Igreja sérios, não houve apenas preservação da tradição, como indicado em Roma, mas também invenção da tradição; mais precisamente: uma repressão, estreitamento e até mesmo falsificação parcial do catolicismo pelos romanos; um novo modelo “romano-católico”: conquistado com todo o poder no século XI por uma revolução de cima, aceitando a divisão com as Igrejas orientais e, no século XVI, com a Reforma Luterana; acentuado e cimentado pela polêmica, pela apologética e pela política antirreformista e antimoderna subsequentes.

A compreensão neotestamentária e patrística da Igreja, em parte ainda no início da Idade Média, era orientada de forma diferente, não para um ápice monárquico, mas para a comunidade dos fiéis, a *communio fidelium*, e para os ofícios a serviço da comunidade. Isso é lembrado no Concílio Vaticano II, como uma das melhores intervenções conciliares – a de Léon-Arthur Elchinger, então arcebispo coadjutor de Estrasburgo – expressa:

Ontem, a Igreja era vista principalmente como instituição; hoje, é experimentada como comunidade. Ontem, olhávamos principalmente para o papa; hoje, vemos o bispo unido ao papa. Ontem, considerávamos o bispo sozinho; hoje, os bispos como colégio. Ontem, a teologia enfatizava a importância da hierarquia; hoje, ela descobre o povo de Deus. Ontem, ela dizia principalmente o que separa; hoje, o que une. Historicamente e teologicamente é tudo claro; mas, já no tempo do Concílio, eu me preocupava: qual modelo de Igreja prevalecerá no Concílio e após o Concílio? (Küng, 2002)<sup>2</sup>

---

1 No original, *Das Christentum. Wesen und Geschichte*, sem tradução para o português brasileiro. [N. do T.]

2 Cf. Küng, Hans, *Erkämpfte Freiheit. Erinnerungen*. München, 2002, p. 457 ss.

**PARTE 1**

# **APROXIMAÇÕES INICIAIS**



# CAPÍTULO PRIMEIRO

## A MONARQUIA DE CRISTO SIGNIFICA DEMOCRACIA

*Primeiro sermão do novo sacerdote*

### **Introdução**

#### ***O original***

Primeiro sermão do novo sacerdote, proferido na igreja de Santa Ana no Vaticano perante a Guarda Suíça na festa de Cristo Rei, outubro de 1954 (inédito).

#### ***Contexto biográfico***

A Igreja nunca foi para mim uma questão puramente acadêmica. Em vez disso, ela sempre foi uma realidade existencialmente experimentada, e isso desde a juventude. A pregação (um tanto idealista) do recém-ordenado, que surgiu em Roma muito antes do Concílio Vaticano II, já contém impulsos para uma compreensão da Igreja como uma comunidade de serviço mútuo. Por isso, ela é apresentada a seguir, editada com base num pequeno esboço manuscrito.

### **Sermão**

Queridos guardas, queridos compatriotas, queridos irmãos e irmãs em Cristo!

Uma das tarefas mais interessantes de vocês é escutar personalidades importantes, muitas vezes também altos príncipes, até o papa. Sei que

vocês fazem isso com olhos atentos e observam tudo com precisão. Certamente notaram que, recentemente, muitas vezes, especialmente em relação a reis e príncipes, uma pequena palavra latina foi adicionada ao título: *ex*. Isso significa que eles não são mais o que eram! Da França, da Alemanha e da Áustria não vêm mais reis e altos príncipes ao papa; a monarquia já foi abolida há muito tempo. Mas, recentemente, também outros reis – na Bulgária, Iugoslávia, Itália, mas também no Egito e no Iraque – levam seus títulos com o prefixo *ex*. É evidente que a monarquia foi amplamente substituída pela democracia. Como cristãos, podemos nos perguntar se ainda é apropriado celebrar uma festa de Cristo Rei, que, como sabemos, foi incorporada por Pio XI apenas em 1925.

Alguns de vocês dirão que muitas vezes se trata apenas de monarquias representativas e que mesmo em democracias ainda há interesse pela realeza. Alguns acrescentam que o rei é um dos arquétipos psicológicos que continua a merecer atenção.

Mas isso é suficiente para justificar uma festa de Cristo Rei em tempos de mudança? Provavelmente, não. Não, essa festa apenas pode ser entendida e celebrada contemporaneamente se considerarmos que a monarquia de Cristo é algo completamente diferente das monarquias deste mundo. Por quê? Porque a monarquia de Cristo, de acordo com a compreensão cristã primitiva, significa democracia. Algo como a realeza de Cristo é declarada no Novo Testamento sobre o Senhor exaltado, como ele está diante dos olhos de Deus em criação, redenção e consumação. Se a Igreja deve ser chamada de hierárquica, então certamente o é apenas a partir deste Cristo. E, justamente a partir dele, diz-se que não há apenas um único rei, mas: “Vós sois uma geração eleita, um sacerdócio real” (primeira epístola de Pedro 1,9). E, no Apocalipse de João (1,5-6), diz-se: “O soberano dos reis da terra [...], Ele nos fez reis e sacerdotes diante de Deus, seu Pai”.

Isso se manifestará uma vez na “outra vida”; lá será revelado o que já somos agora. A questão é apenas: como devemos governar aqui na terra com Cristo? Quero apontar para um pensamento fundamental: governar no Reino de Cristo significa servir. Devemos governar como Cristo governou. No hino de louvor a Cristo citado por Paulo na carta aos Filipenses 2,5-8, diz-se:

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha: ele era igual a Deus, mas não considerou que ser igual a Deus fosse

algo a que devia se apegar. Em vez disso, ele renunciou a tudo que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se semelhante aos homens. E, ao aparecer como homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte na cruz.

Sim, onde Cristo aparece mais como rei do que em sua zombaria (ver Mt 27,27-31): vestido com um manto vermelho de soldado, com uma coroa de espinhos na cabeça, uma vara como cetro, enquanto se ajoelham diante dele e gritam: “Salve, rei dos judeus!”, e cospem nele e o agredem. O Filho de Deus revela seu poder na impotência.

De nós, meus queridos, não é exigido o mesmo; mas sim a compreensão de que nosso governo deve consistir em servir. Como se diz em Mateus 10,24: “O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do senhor”; e Mateus 16,24: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”.

Tudo isso não depende do grau de serviço ou da posição na hierarquia. Não, servir vale para todos. No entanto, certamente em Roma e no Vaticano, muitas vezes é difícil não se escandalizar com a Igreja, onde o reinado de Cristo deveria ser a medida. Em vez de serviço, demasiadas vezes há um desejo de poder. Nada a disfarçar: afinal, Cristo julgará todos de acordo com suas obras, mas ele espera até a colheita. Nós, porém, devemos ter paciência e cumprir nosso dever. Cada cristão deve servir à sua maneira. Deve haver mutualidade também entre o homem e a mulher, entre os pais e os filhos, entre o mestre e o aprendiz, entre os empregadores e os empregados, entre a dona de casa e a empregada, entre os oficiais e os soldados. Façamos isso!

Concluo que, se alguém perder a coragem novamente, talvez vá até São Pedro, olhe para a maravilhosa cúpula e pense silenciosamente: quem está enterrado abaixo dela? Segundo a antiga tradição, um simples pescador da Galileia. E ele pensa na promessa bíblica: o dia virá em que tudo será esclarecido: em que os pequenos deste mundo serão grandes; os pobres, ricos; e os oprimidos, livres.

Essa é a visão. Estaremos sempre com o Senhor e reinaremos com ele, cheios de alegria por toda a eternidade.